



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
CURSO LETRAS/PORTUGUÊS/PARFOR TAILÂNDIA

CLAUDIA CORREIA VIEIRA

**LINGUAGEM E GRAMÁTICA NO ASPECTO IDEOLÓGICO**

TAILÂNDIA-PA

2014

CLAUDIA CORREIA VIEIRA

**LINGUAGEM E GRAMÁTICA NO ASPECTO IDEOLÓGICO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado na Universidade Federal do Pará comorequisito para a obtenção do grau de Licenciado Pleno em Letras. Orientador: Prof. Msc. Carlos Alberto Amorim Caldas.

TAILÂNDIA-PA

2014

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

V657l Vieira, Claudia Correia.  
Linguagem e gramática nos aspecto ideológico / Claudia  
Correia Vieira. — 2014.  
42 f. : il.

Orientador(a): Prof. Me. Carlos Alberto Amorim Caldas  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de  
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2014.

1. Língua portuguesa. 2. Linguagem e Gramática. 3.  
Comunicação textual. 4. Ensino nas escolas. 5. Linguística. I.  
Título.

CDD 469.5

---

CLAUDIA CORREIA VIEIRA

## LINGUAGEM E GRAMÁTICA NO ASPECTO IDEOLÓGICO

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação  
apresentado na Universidade Federal do Pará  
comorequisito para a obtenção do grau de  
Licenciado Pleno em Letras. Orientador: Prof.  
Msc. Carlos Alberto Amorim Caldas.

Banca Examinadora

---

Prof. Carlos Alberto Amorim Caldas

Orientador

---

Avaliador: Dr. Prof. Doriedson do Socorro Rodrigues

---

Avaliador: prof. Fred Júnior Costa Alfaia

Apresentado em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2014

Conceito: \_\_\_\_\_

TAILÂNDIA-PA

2014

## **AGRADECIMENTOS**

“Se fizeres bem, sabe a quem o fazes, o bem que fizeres agradará muito. Faze bem ao justo, e acharás uma grande recompensa; porque, ainda quando dele a não recebas, vir-te-á certamente da mão do senhor.” ( Eclesiástico, c. 12 )

Sabemos que todas as pessoas que nos cercam, são criações divinas e que todas as oportunidades que temos em nosso período de vida aqui nessa terra, devemos agradecer a Deus em primeiro lugar as oportunidades que surgem em nossa vida, agradeço a esse ser divino que pôs na vida esta oportunidade de estudar e conseguir com vida e saúde concluir essa minha graduação que um dia parecia tão distante.

Agradeço aos meus pais Luis Vieira e Maria de Jesus correia Vieira, que mesmo não estando perto sempre acreditaram no meu potencial.

Ao meu companheiro é amigo Iranilson Oliveira, que sempre esteve do meu lado me apoiando e segurando as pontas, quando eu estava estudando fora.

Ao programa Parfor que contribuiu para o meu ensino e aprendizado, de uma forma mais clara e se empenhou, patrocinando professores de qualidade para que de fato consegue-se uma formação com sucesso.

Ao meu professor e orientador Carlos Alberto Amorim Caldas, que nos mostrou com muita dedicação que tudo é possível basta acreditar em nos mesma e seguir em frente.

Aos meus amigos de letras que faziam parte da minha equipe, Marcos carneiro, Laurenir correia, Josefa, que mesmo nas brigas pelas conversas que tínhamos durante o desenvolvimento dos trabalhos, tudo saia muito bem.

A todos da biblioteca do pólo que sempre me apoiou, nas pesquisas, em especial ao Sr. Altair de Sousa, que foi me ajudou nas pesquisas me mostrando livros que pudesse me ajudar no meu campo de pesquisa.

Ao meu amigo da escola, professor de informática Raimundo. Que me ajudou na organização do meu tcc, digitando e me acalmando com palavras de sabedoria.

## RESUMO

O presente trabalho com o “tema linguagem e gramática no aspecto ideológico: na escola estadual São Francisco de Assis”. Tem como objetivo compreender o ensino da gramática na aula de língua portuguesa no ensino médio. Visto que, a qualidade de ensino de língua portuguesa não tem sido muito satisfatória no processo de aprovações de (concurso, vestibular, Enem ), procurando entender essa problemática, foi realizado uma pesquisa de campo, com os alunos do 1º ano e 2º ano do ensino médio, da escola estadual São Francisco, para melhor compreender quais são os métodos utilizados pelo professor para trabalhar o ensino da gramática, na aula de língua portuguesa. Este trabalho está dividido para melhor compreensão dos leitores em quatro capítulos a seguir definidos além de uma introdução a respeito do tema. No primeiro capítulo aborda linguagem é Ideologia, onde é mencionada como instrumento de dominação as produções, lingüísticas, culturais, e é a linguagem que nos permite guardar e transmitir informações. No segundo capítulo será abordado a gramática, e retratar as dificuldades de se reproduzir na linguagem escrita a linguagem oral. No terceiro capítulo será abordado o aspecto ideológico, será abordada a divisão de classes referente ao aspecto social, econômico e cultural é o papel desempenhado pela escola, e as ideologias dentro desta. No último capítulo, a conclusão do trabalho de campo, com resultados dessa pesquisa que foi realizado com os alunos do ensino médio da escola São Francisco de Assis, uma atividade de uma redação, analisamos as produções dos alunos do 1º e 2º ano, observou que os alunos apresentaram problemas relativos à correção ortográfica, problemas de coesão, registro informal e concordância.

Este trabalho é uma reflexão necessária para que o professor de português passe a ver gramática como algo muito mais amplo que aquilo que tradicionalmente se tem como gramática em nossas aulas de língua portuguesa. Mostrar que a nossa comunicação é textual e o texto pode ser escrito e oral. Correlacionando uma ao outro, deve-se mostrar as especificidades de cada um na representação simbólica que utiliza para chegar à comunicação.

## **ABSTRACT**

The present work with the "theme and grammar in language ideological aspect: the state school St. Francis of Assisi." Aims to understand the teaching of grammar in English language class in high school. Since the quality of teaching of the Portuguese language has not been very satisfactory in approvals (tender, vestibular, Enem) process, trying to understand this issue, was conducted a field study with the students of 1st year and 2nd year high school, the San Francisco public school, to better understand what are the methods used by the teacher to work with the teaching of grammar in the English language classroom. This work is divided for better understanding of readers into four chapters defined below in addition to an introduction to the subject. In the first chapter discusses language is ideology, which is referred to as the instrument of domination, linguistic, cultural productions, and is a language that allows us to store and transmit information. In the second chapter will be covered grammar, and portraying the difficulties to reproduce the written language to oral language. In the third chapter will address the ideological aspect, will a bordado a division classes related to social, economic and cultural aspect is the role played by the school, and ideologies within this. In the last chapter, the conclusion Labour Organisation field, with results of research that was conducted with middle school students school St. Francis of Assisi, an activity of an essay, analyze the students' productions 1st is the 2nd year, noted that students had problems relating to spelling, cohesion problems, informal registration and agreement.

This work is a necessary reflection for the teacher of Portuguese pass to see grammar as something much broader than what traditionally has the grammar in our Portuguese language classes. Show that our communication is text and text can be written and oral. Comparing one to the other, one must show the specificities of each of the symbolic representation using to get to communication.

## SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO .....	8
2- LINGUAGEM E IDEOLOGIA.....	10
1.1- IMPOSIÇÃO DA LINGUAGEM.....	12
1.2- 2 –GRAMÁTICA.....	16
2. 1 – A PERSPECTIVA DOS ESTUDOS GRAMÁTICAIS.....	19
2. 2 – GRAMÁTICA : COMO ENSINÁ – LA.....	23
3 – ASPECTO IDEOLÓGICO .....	28
3. 1- O PAPEL DA LINGUAGEM.....	30
3. 2- A FUNÇÃO SOCIAL DO LIVRO DIDÁTICO.....	32
4- UM TRABALHO DECAMPO .....	34
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
6 – REFERÊNCIAS .....	35
7- APÊNDICE .....	36

## Introdução

O curso de letras abre inúmeros caminhos no campo do conhecimento como: a linguística, a literatura, a gramática, entre outros.

Poderia ter escolhido dentre vários temas para trabalhar, porém decidi desenvolvero tema Linguagem e gramática no aspecto ideológico , porque se relaciona com á temática de ontem e de hoje. Não decidi fazê-lo só por um trabalho de conclusão do curso, mas porque era algo que sempre me intrigou, durante os meus estudos no ensino fundamental menor.

Durante o meu desenvolvimento escolar a língua portuguesa era a disciplina mais temida pelos alunos, e por mim, por se estudar muitas regras, leituras, escritas, ortografia, e a temida gramática, o meu maior pesadelo estudantil estavam ligados. Conjuguar verbo oralmente, tudo aquilo fazia com que a minha cabeça se transforma no imenso ninho de confusão, em que em muitos casos eu me perguntava “pra quê” estudar tudo aquilo.

Ao concluir os estudos eu decidi fazer uma faculdade, com objetivo de fazer as pazes com a disciplina de língua portuguesa, e me tornar uma professora, com a finalidade de trabalhar a disciplina de uma forma mais satisfatória para os alunos, que como eu tenho na disciplina de portuguesas dúvidas. O objetivo maior não era me tornar uma professora de português e sim uma educadora de língua portuguesa.

O primeiro dos meus objetivos foi alcançado, eu me tornei professora, ainda não tenho respostas definitivas, nem sei se irei obtê-las, no entanto, tenho noções de algumas coisas com relação às dúvidas.

O espaço dedicado ao estudo da língua portuguesa nas escolas é bastante amplo. No entanto, o rendimento esperado por uma ocupação gramatical não vem sendo satisfatório e são vários os motivos que o determina como, exemplo, sala de aulas superlotadas, que impedem a ação do professor seja satisfatória, a má formação dos professores, que segue ensinando de forma tradicional, é um problema a ser estudado, de modo que se encontre um caminho que faça o aluno se apropriar da linguagem escrita de forma significativa, de modo que os alunos sejam capazes de utilizar as diferentes linguagens e suas modalidades oral, quer na modalidade escrita, pois um trabalho mal feito no desenvolvimento escolar do aluno pode levar ao

Nossa proposta metodológica partirá em um estudo ideográfico, através análise de redação produzida por alunos do ensino médio, na escola estadual São Francisco de Assis, localizada no município de Tailândia- PA.

Pretende-se, então, realiza-se uma análise mais aprofundada e criteriosa dessa relação entre linguagem e gramática, verificar como eles são apresentados e se há coerência entre o tipo de abordagem a que se propõem e como são expostos os conteúdos e exercícios, a partir daí, confrontá-la com algumas correntes lingüísticas.

Esperamos com isso esclarecer algumas dúvidas que se criaram ao longo dos tempos referentes á gramática.

Essa é a importância deste trabalho: desenvolver novos paradigmas no ensino, tentando mostrar linguagem e gramática no aspecto ideológico, pois o que percebe-se nas escolas estudar português, equivale estudar gramática, não se dando conta que gramática precisa estar a serviço das práticas de linguagem, proporcionando aspecto mais ideológico, favorável ao ensino e aprendizagem do aluno.

Não pretendo com esse trabalho mudar as metodologias de ensino de língua portuguesa, nem dizer que está totalmente errada, não é isso! Não mudamos só porque lemos, escrevemos, mas quando queremos. O que pretendo com esse trabalho é promover de uma forma mais reflexiva os questionamentos: O que estão fazendo com nossas aulas e com os alunos?

## 1- LINGUAGEM E IDEOLOGIA

A história do pensamento humano inicia quando o homem começa a adquirir a linguagem. Foi à linguagem que fez do homem um animal racional. Para Couto (1986) “o único animal que pensa. Somos, portanto, aquilo que a linguagem nos permite ser”.

A linguagem é a matéria prima do pensamento, do raciocínio, e é ela que nos permite guardar e transmitir informações. Ela é a mola mestra da civilização.

A língua é a utilização da linguagem por ser um grupo, é nela que reside o intelecto humano e é através dela que o homem revela-se um ser social.

VilenFlusser ( 1963, pg. 34 ) nos diz que “a investigação filosófica não é , em última análise..... senão a investigação mais ou menos consciente da estrutura das línguas flexionais” . Isso nos permite dizer que o conhecimento é linguagem.

A filosofia dos pré- socráticos iniciou com o questionamento do princípio das coisas, do universo, do homem. A Bíblia, sobre isso, nos diz o seguinte: “no princípio era verbo”. Cristo por sua vez apresenta-se como o verbo de Deus. Ainda na antiga Grécia, a polis tinham como principal elemento de sustentação o logos. O domínio do logos passou a ser a única medida entre os cidadãos, e as decisões sobre o assunto da polis dependiam unicamente da força das palavras proferidas pelos oradores. Na polis vence quem sabe usar as palavras para convencer. Segundo a bíblia, o principio é as palavras é a mesma para os gregos é sinônimo de poder.

A relação entre língua e poder, como se observa, já é bem antiga. Os romanos para manter sob domínio os povos conquistados, impunha-lhes a língua e a cultura. É importante observar, que depois que o império romano foi destruído pelos bárbaros, a língua latina passou para o arquivo das línguas mortas. Deixando de ser o elemento de unificação e expressão do poder do império. Subsistiu nos mosteiros, era a expressão do poder da igreja.

Do esfacelamento do império, surgem novas sociedades, surgem novas línguas originadas do latim como: o português, o francês, o italiano, o espanhol. Estas línguas se estruturaram quando as sociedades onde são faladas se firmaram como sociedade, como nação, como poder constituído.

O nazismo, que marcou com sangue e violência a história, tem o seu fracasso associado a um fracasso da filosofia da linguagem.

Para ÁPIO CAMPOS (1984 ) “O grande mal é que todos temos a impressão de que o homem é o senhor da linguagem, e dificilmente admitimos que pelo contrário, é a linguagem que nos determina e governa”.

Tendo em vista que todo processo de dominação é uma ação ideológica, veremos a seguir alguns processos ou mecanismos de dominação tendo a linguagem como instrumento.

O primeiro mecanismo de dominação através da linguagem é a produção linguística. Todos sabemos que a sociedade está dividida em classes, e também não é novidade o fato de que cada classe possui suas peculiaridades linguísticas que a caracterizam.

Todos nós, ao nascermos, adquirimos como herança uma língua como produto histórico do qual não participamos de sua construção anterior, e a desconhecemos apesar de aprendermos a utilizá-la. É através desta língua que participamos de um grupo social; é através desta que a sociedade se manifesta com seus valores, conflitos e contradições.

No Brasil, pode-se dizer que a sociedade não participa da produção linguística coletiva. Não podemos dizer, contudo, que ela aceita essa língua que lhe é imposta, apenas sentimo-nos errados, inferiores ao não poder engolir o que nós é imposto: “a gente fala tudo errado mesmo” se agente quiser falar de acordo com a gramática fica muito difícil”, “ a gramática é uma coisa estranha, hostil”.

Dentro dessa realidade há um processo de marginalização entre os que se adaptam às formas certas e os que não se enquadram.

Na sociedade competitiva e individualista em que vivemos, o falante individual não participa do processo de produção linguística, o produto já chega a ele com a roupagem ideológica que convém a uma classe bem articulada e consciente de que a aquisição de linguagem implica em visão de mundo e mudança de comportamento.

Sobre isso Voloshinov( 1979 ) nos alerta: “Que toda ideologia tem resultado material ou perceptível. O indivíduo ou age, ou fica passivo, tenta transformar-se, mas nunca permanece o mesmo”.

Cabe ao falante usar o que lhe é apresentado com uma liberdade limitada sob a pena de não ser entendido e marginalizado da sociedade, tendo em vista que a língua é o seu vínculo com a mesma. Assim sendo, o falante vê-se possuidor de um sistema linguístico a ele estranho e que o limita de criar, de agir livremente, e até

mesmo de pensar e questionar a sua realidade em decorrência de ser a linguagem o elemento que possibilita o raciocínio, o engajamento na sociedade e também a percepção das coisas e do mundo.

Esta imposição será refletida com mais detalhes a seguir.

### 1.1- **Imposição da linguagem**

Ao ler o livro “o que é português brasileiro”, deparei-me com algumas perguntas. Todos sabem que a linguagem escrita é uma tentativa de reproduzir a linguagem oral. Surge desta definição a primeira pergunta: qual seria o papel dos gramáticos?

Nota-se que estes vêm trabalhando de forma equivocada, pois não conseguem reproduzir na linguagem escrita a oral, tendo-se em vista a disparidade entre as mesmas.

A linguagem oral que todos dominamos de uma forma ou outra, mas quando se trata da escrita, surgem afirmações como: o português é a língua mais difícil do mundo”. Português é a matéria mais chata”.

Quais os critérios usados pelos gramáticos nas normas gramaticais? O que é certo e o que é errado em se tratando de língua escrita?

Observa-se que os gramáticos em vez de confirmar em suas gramáticas padrões já aceitos na linguagem oral, querem reverter processo, estabelecendo normas desconhecidas e que não fazem parte da realidade linguísticas do falante, daí a disparidade entre as duas realidades.

No seu livro “O que é português brasileiro”, Hildo Couto questiona essa posição e denuncia as distorções dela decorrentes: a temporal, a espacial e a social.

No entanto entende-se por distorção temporal o distanciamento no tempo entre o português atual e o português das gramáticas.

José Hildebrando Dacanal( 1985 ) define essa distorção temporal como “ O peso de um tempo passado mais ou menos longo, que recai sobre o grupo e determina ou, influencia suas vidas”.

Segundo o autor, isso se dá em decorrência de dois fatores: o primeiro é que a língua atual seria o extremo da cadeia de processos por que dado sistema.

Linguístico passa. E segundo é que “ a permanência e a continuidade de uma língua são fenômenos ligados às estruturas de poder da referida comunidade e às transformações sofridas por aquelas ao longo do tempo”.

Como já vimos, a língua é produto do trabalho linguístico de um grupo. Não podemos afirmar que a geração atual estarão totalmente passivas neste trabalho.

Não se justifica, portanto, este distanciamento entre o português que se fala e o que é apresentado como aquela que deveríamos falar o das gramáticas.

A língua é a expressão da ciência, das relações sociais e da filosofia que, como sabemos, estão em constante evolução. Portanto, faz-se necessário, uma língua atualizada que seja expressão da realidade atual, do momento, e não do que era há tempos atrás.

É essa visão que nos mostra o distanciamento a que já me referi, tendo-se em vistas, que os gramáticos privilegiam os autores do passado, alguns deles europeus e ainda idade média, sobre o pretexto, que aquela “era a boa linguagem”. Podemos citar como exemplo disso que na nova gramática do português contemporâneo de Celso Cunha e Lindley Cintra o autor mais usado exemplificações é Machado de Assis. Aparecem cento e vinte duas vezes. Em segundo vem Carlos Drummond de Andrade em terceiro Fernando Pessoa. Vale a pena ressaltar que a diferença entre o primeiro e o segundo é de quase cinquenta por cento.

Em outras gramáticas, em que verifiquei este mesmo fato, pode-se chegar à mesma conclusão pela simples listagem dos nomes dos autores usados nas mesmas simplificações na parte da sintaxe. Camões aparece em primeiro lugar, Herculano em segundo, Machado de Assis e Padre Vieira. Compararmos no pequeno trecho dois exemplos “três cousas acho que fazem” (Gil Vicente) e “Ninguém pode servir a dois senhores”(Vieira).

Observa-se claramente o distanciamento entre estes autores e a atualidade da língua falada no Brasil.

“A distorção espacial é imposição da língua de uma região a todo um país, a todo um domínio lingüístico”, continua Hildo Couto. Persiste, ainda hoje, o princípio de que “o português de Portugal é melhor falado do que o brasileiro”.

É um absurdo admitir que algumas realidades linguísticas nossas já sacramentadas por todo um povo, sejam tidas como erradas por simplesmente divergirem da norma de Portugal. Inclui-se neste caso a questão da colocação

pronominal. Nós, os brasileiros, indo contra todas as regras, privilegiamos a ênclise, como também “o sistema pronominal do português brasileiro é bem

diferente do lusitano, o que acarreta uma reorganização completa no sistema linguístico”.

Os argumentos são vários. Alguns “juizes do bom português dizem que não haveria mais a possibilidade da intercomunicação, se fossem adotadas formas populares, cairíamos numa desordem total”.

Para o autor Hildo Couto (1986) “ Isso teria cheiro de povo em demasia, sendo que os donos do poder preferem o “ cheiro de cavalo”.

É bom concluir com autor, suas palavras que em minha opinião, manifestam os verdadeiros argumentos.

Penso que as duas distorções já mencionadas, são consequência da tentativa de se impor a língua dominante, de uma minoria, ou aquela que eles pensam ser a correta, tendo-se em vista que as elites não falam conforme as regras gramaticais, às classes economicamente desfavorecidas, marginais ou oprimidas.

A língua manifesta também, o conflito entre as classes. Daí as denominações: linguagem culta, a da elite dominante, linguagem média, e a linguagem popular que são do povo classificado classe média baixa, como não poderia deixar de ser, é a língua culta que é a oficial, é a que é imposta às classes, é aquela que é ensinada nas escolas urbanas e no campo, e é ela que é exigida em exames do Enem, vestibulares, concursos e é através dela, já como uma roupagem ideológica das elites, que transmite uma mentalidade superior, competitiva e individualista às demais classes. É ela que permite às classes inferiores a “civilização”, o sucesso na vida, uma vez corrigida a sua linguagem.

Como vimos, é através da linguagem oral que o falante recebe informações, transmite suas ideias e participa do mundo.

O resultado dessa realidade é que a visão de mundo deste falante é bastante restrita, pois ele só escuta aquilo que convém aqueles que possuem os meios de comunicação, que são elementos das classes altas e, obviamente estão comprometidos com esta.

Como vimos anteriormente, a linguagem é resultado do trabalho linguístico, ou deveria ser. Na modalidade oral, como na escrita, em decorrência de vários fatores para o falante individual, ela deixa de ser resultado do trabalho linguístico, tendo em vista a sua passividade ou o desconhecimento dos processos de produção ou a sua marginalização da conversação resultante desta linguagem.

Para esse falante linguagem é algo imposto, que assume um caráter mecânico e instantâneo, o que lhe causa a ilusão de entender, de que participa desta realidade linguística. Tudo é apenas ilusão. Ele, na verdade, não tem como participar desta sociedade, de compreendê-la e até mesmo de transmitir seus sentimentos, sua visão de mundo, como também não interpreta os conflitos sociais, dos quais, muitas vezes, é mais uma vítima.

## 2 – Gramática

Antes de iniciar o assunto a respeito da gramática, é preciso dizer o que venha ser a gramática de acordo com cada concepção, já que a questão é o ensino de gramática. Existem basicamente três sentidos para definir essa expressão, gramática.

A primeira, diz que a gramática é concebida como um manual com regras de bom uso da língua a serem seguidas por aqueles que querem se expressar adequadamente. A segunda diz que gramática é um conjunto sistemático de normas para o bom falar e escrever, a última se define como gramática padrão.

Nesse primeiro sentido afirma-se que a língua é só a variedade dita padrão ou culta e que todas as outras formas de uso da língua são desvios, erros, deformações, degenerações da língua e que, por isso, a variedade dita padrão deve ser seguida por todos os cidadãos falantes dessa língua para contribuir com a degenerações( perda da qualidades original) da língua de seu país.

“Entre os latinos, dois harúspices não se olhavam nunca sem rir, entre nós, dois gramáticos não se olham nunca sem desconfiança, e nem mesmo acrimônia. Estranha paixão, esta, por uma ( ? ) gramática que serve, junto com a ortografia, de cancha fechada para ferrenhos lutadores. Para falar a verdade, a gramática não existe: existem gramáticas- uma por autor; o que... facilita o dialogo” .( MATTOSO CÂMARA JR )

O ensino da língua portuguesa antes voltada ao conhecimento teórico de conceitos não dava margens á prática reflexiva, antes se dava ênfase ás regras gramaticais, através da sistematização como se ao descrever a língua fosse muito fácil, até porque a única forma de representação de expressão da língua era a literatura e isso nas gramáticas mais antigas vemos que alguns autores se valiam de trechos de obras literárias como exemplo para tentar explicar regras.

Nas escolas que a gramática é tratada como um código de regras e não um material importante de consulta que diga respeito à norma culta de escrever, isto porque ela se refere à modalidade de escrita, e não á modalidade de palavras e o

seu papel principal nas escolas deviam ser de possibilitar acesso á escrita culta padrão e é preciso entender que as aulas de língua portuguesa não é só uma coisa: gramática é texto, é leitura, é literatura.

Para Perini (2000, p.56, grito do autor), melhores gramáticas se fazem necessárias. Ressalta o autor que elas devem estar [...] mais de acordo com a linguagem atual, preocupadas com a descrição da língua e não com receitas de

como as pessoas deveriam falar e escrever. E acima de tudo, precisamos de gramáticas que façam sentidos, isto é, que tenha lógica. Que as definições sejam compreensíveis e que sejam respeitadas em todo o trabalho.

Não se deve tratar da gramática sem levar em conta o sistema como foi implantado nas escolas, como doutrina gramatical tratado como um conteúdo particularizado nas aulas de língua portuguesa embora já percebido que não se pode viver somente nesse ensino gramatical cuja ineficácia é comprovada, devemos estar atentos a realidade das variedades cultas do português do Brasil, para fazer um contraste entre ela e o ideal de língua estampado nas gramáticas normativas tradicionais, devemos nos atentar as propostas de estudo gramatical, uma vez as gramáticas não respondem a tudo, às vezes deixam dúvidas e comumente observamos pontos de discordâncias entre autor e outro num item particular ( que se queira estudar ) ou geral.

A gramática se tornam confusas entre uma divisão de conteúdo é outro, é importante, portanto , que o educador tenha uma visão crítica para que quando for atuar com o uso da gramática possa participar esses pontos, abertos ás novas e as mais inusitadas reflexões para atender ás necessidades de uso , tendo ele a consciência e estando apto a ampliar as possibilidades de ensino e de aprender os valores gramaticais nas formas estabelecidas na várias gramáticas da nossa língua portuguesa.

O desenvolvimento da competência e da habilidade tão falada atualmente exige o uso da lógica e do conhecimento, pois não se pode só repassar os conteúdos é preciso ensinar o aluno a pensar e a interagir.

Observando a divisões de conteúdos na tabela que segue, entre gramáticas diferentes estabelecida por autores distintos:

Willian Roberto Cereja & Tereza Cochar Magalhães, 1999: <b>Gramática Reflexiva: texto semântico e interação.</b>	Celso Cunha & Luis F. Lindley Cintra, 1985. <b>Nova gramática do português contemporâneo</b>	Pasquale & Ullisses, 1998: <b>Gramática da língua portuguesa.</b>
✓ Noções de linguística e textos	✓ Definição de língua e abordagem linguística	✓ Noções sucintas de linguística
✓ Fonética Fonologia	✓ Fonologia e fonética	✓ Fonologia
✓ Morfologia – classes de palavras	✓ Ortografia	✓ Morfologia
✓ Sintaxe	✓ Morfologia	✓ Sintaxe
✓ Semântica	✓ Sintaxe	✓ Apêndice semântico
✓ Curiosidade da língua	✓ Figuras de linguagem	*****
*****	✓ Pontuação	*****
*****	✓ Discurso	*****

Observa-se que na distribuição dos conteúdos das gramáticas, a gramática de Celso Cunha apresenta noções de linguísticas, porém, não apresenta verticalização na definição e classificação de seu conteúdo.

Os constituintes da gramática são distribuídas de maneira aleatória, sem que haja uma continuidade crescente entre os assuntos. Como: primeiro a classificação do sujeito, depois o substantivo; primeiro o comprimento verbal, depois o que é verbo. Não seguem uma ordem lógica, pois até mesmo no período de aquisição da linguagem a ordem é inversa.

A distribuição de conteúdo na gramática de Willian Roberto Cereja, a distribuição segue de forma grosso modo, o desenvolvimento linguístico das pessoas, exceto ao que diz respeito a semântica que ainda ocupa status de “ prima pobre da gramática “. Nela encontramos algumas formas de divisão de conteúdos não muito comum em relação a outras gramáticas normativas, dentre outras coisas os autores tratam de classificação de predicado para depois classificar o sujeito, os períodos compostos por subordinação antecedem as orações coordenadas.

Na gramática de Pasquale & Ullisses é apresentada uma divisão bem tradicional, porém sugerem critérios morfossintáticos e tem como base a língua padrão. Nessa gramática há uma crescente nos conteúdos (letras, sílabas, palavras e enunciado) que pode seguir duas lógicas ou um hipotético nível de dificuldade ou ordem natural do manuseio da língua.

A partir dessas observações pode-se notar que, às três gramáticas utilizam de lógicas diferentes, enquanto uma segue uma ordem de conteúdo tradicional para um bom manuseio da língua culta a de Pasqualle & Ullisses, outra se preocupa mais com o desenvolvimento linguístico no que diz respeito a semântica a de Willian R. Cereja & Thereza C. Magalhães e por fim, uma outra que tenta descrever o português, porém como já observamos de maneira aleatória a de Celso Cunha.

## 2.1 –A perspectiva dos estudos gramaticais na escola

[...] Há estereótipos educacionais complexos e difíceis de serem rompidos, como no caso do ensino das classificações apriorísticas de termo gramaticais. Nada contra ensiná-las. O problema está em como ensiná-las, em razão do ato comunicativo. A gramática extrapola em muito o conjunto de frases justapostas deslocadas do texto. O texto é único como enunciado, mas múltiplo enquanto possibilidade aberta de atribuição de significados, devendo, portanto, ser objeto também único de análise / síntese. ( BRASIL, 1999,P.16 ).

No Brasil, a linguagem está cada vez mais se diversificado, com o avanço do mundo tecnológico (celular, *tablet*, computadores....) as diversas formas de linguagem se cruzam : verbais e não verbais, percebemos isso nas mensagens de celular, email, na publicidade , e até na literatura e na pintura. Porém, temos que nos preparar (enquanto educador) e preparar o educador para esse domínio da língua, pois ao tê-lo fará muita diferença uma vez que isso é sinônimo de interação com outras pessoas ajudando nas no modo de agir e pensar, pois e nesse aspecto ideológico que a língua é: mudança, interação e transformação.

No sistema de ensino a língua portuguesa adotou a prática de reconhecimento das regras e normas do funcionamento do padrão culto, a normalização estava ligada ao interesses do grupo dominante, com intuito de preservar a cultura, ora voltada a arte do bem escrever... Antes esse ensino era destinado aqueles alunos com poder econômicos e socialmente dominante que tinham acesso á escolarização e já “chegavam ás aulas de português com razoável domínio da norma culta” (Soares, 1986, p. 54) durante muito tempo as classes popular sofreram, com a chamada democratização do país as classes foi se modificando e com isso, as classes mais favorecidas foram se misturando com as classes menos favorecidas.

Falar português não é falar difícil e nem ser sabedor de todas as regras gramaticais e usuais de um vocabulário culto. Hoje, um falante de sua língua sabe pouco de suas teorias, porém essas teorias são inconscientemente desenvolvidas na prática na linguagem verbal nas mais diferentes situações sociais as quais os falantes participam; o que faz a diferença são essas situações: como as formais: entrevistas, reuniões de trabalho, palestras, que e indispensável o uso do padrão culto e formal da língua. Já numa conversa com amigos ou familiares, a língua padrão seria formal de mais e poderiam chegar a contribuir ao distanciamento entre pessoas.

Nas escolas a gramática tem um importante papel: pois não viverá na medida de sua utilidade. A primeira que se deve impor-lhe é permitir á criança aprender a falar melhor, o que continua sendo em última análise, a melhor maneira de ensina-la a escrever melhor. Segunda é o corolário da primeira, defronta progressivamente á prática da linguagem escrita, a criança terá necessidade de recorrer à dispositivos da escolha e autocontrole, quer dizer, a uma abordagem crítica dos mecanismos gramaticais da língua que manipula. Trata-se então de levá-la paulatinamente a realidade a realizar escolhas ao nível de suas próprias realizações escritas, a dominar e apreciar as de outrem veiculados pela imprensa ou pela propaganda de um lado, pela literatura de outro.

Por meio de estudo da gramática percebemos que ela ajuda no desenvolvimento da fala e escrita de forma estrutural, põem , sabe-se que não é o principal elemento para tal objetivo.

O aluno precisa saber que a gramática pode sintonizar o leitor aos diferentes tipos de linguagens utilizadas em suas variedades oral / escrita, culta e / ou coloquial, formal ou informal, regional ou urbana, etc. Precisa saber de todas essas informações precisa saber que ele não pode deixar-se manipular e sim escolher aquilo que lhe interessa (não deixando-se alienar) para desenvolver suas capacidade de compreensão com a ajuda e não a manipulação da gramática.

Hoje sabe-se que qualquer sujeito consegue desenvolver sua capacidade lingüística sem qualquer intervenção da norma padrões, o conhecimento de língua

materna é muito maior do que a noção de regras gramaticais ; a exemplo dessa afirmação temos as pessoas analfabetas que conseguem usar a língua para se comunicar.

“Se um determinado ensino da gramática pode parecer detestável, foi por causa de seu conteúdo discutível; por causa também de um contexto escolar estritamente didático e constrangedor. Definir um conteúdo mais adequado, sistematizá-lo através de uma pedagogia ativa e aberta às realidades da criança, é conduzir finalmente o aluno às liberdades essenciais” ( GENOUVRIE, Emile- lingüística e Ensino do português. P. 223)

Conforme foi abordado nos parágrafos anteriores, a língua portuguesa é rica em recursos, porém muito complexa pelas enormes quantidades quase infinitas de regras que possui, daí a existência de que português é difícil, segundo Marcos Bagno esse mito existe “porque o tradicional do ensino da língua não leva em consideração o uso brasileiro do português” e, tal afirmação é totalmente significativa porque a escola trabalha como se português, a nossa língua materna, fosse uma língua única, homogênea e esquece da sua heterogeneidade e principalmente de que língua escrita se manifesta em condições diversas da fala.

Em consequência disso, notamos um vasto preconceito lingüístico nessa imposição da norma culta querer fazer existir um padrão lingüístico único e infelizmente preconceituoso, e nossa função enquanto educador é conscientizar que a norma padrão não é única. Que também, além dela temos a mais antiga expressão oral e que ambas podem e devem ser utilizadas, nas mais diversas situações.

Isso significa dizer que devemos ensinar sim a gramática normativa na escola, e que fique bem claro, agora esse ensino deve ser mudado, pois a forma como o social vem sendo desenvolvida acarreta sérios preconceitos que não somente o lingüístico, mas social e estes preconceitos quase sempre se desfazem da variação da língua, descrevendo-a, mas não como ela é, e sim como deveria ser.

Sabemos que tanto a linguagem popular e a norma culta são aceitas do ponto de vista comunicativo, entretanto a primeira é considerada errada, vulgar e extremamente desagradável ao ouvido porque são usadas por pessoas de classes populares e assim ignorantes que são discriminadas socialmente, já a segunda é a correta, aceita por todo estabelecimento escolar por ela ser usada por instruídas e

intelectuais (do ponto de vista de alguns). Parece que vivemos num país dividido por dois tipos de línguas diferentes: a falada e a escrita. Isso reflete muito em sala de aula e na dificuldade dos alunos, aí é que se percebemos o problema do nosso sistema de ensino que é o mau uso dos objetos do nosso trabalho: a língua.

A civilização deu uma importância extraordinária à escrita e, muitas vezes, quando nos referimos à linguagem, só pensamos nesse seu aspecto. É preciso não perder de vista, porém que lá há ao lado mais antigo, mais básica, uma expressão oral. A preocupação na escola é se o aluno escreve bem, produz um bom texto (às vezes textos que não estão totalmente desprovidos de sua realidade) e esquece que o aluno sabe falar e é simultaneamente sujeito e objeto, principal usuário e não depósito de regras gramaticais e, é por isso que a variação está voltada para a fala (“não padrão”) e a gramática escrita (“padrão”).

Lendo tudo isso o que eu escrevi você esteja se perguntando: então a gramática para que serve?

O objetivo é mostrar que ela, a gramática normativa, tem suas razões de ser, existe e não vamos trancá-la numa gaveta para fingir sua inexistência, porém o que se quer objetivar, é chamar a atenção de certos profissionais para que percebam que para se usar a norma padrão da língua existe local, momento, porque e com quem usá-la e não em todo porque nós professores mesmos formados, não dominamos a norma culta em sua totalidade, imagine nossos alunos que estão no processo de aprendizagem.

O público a quem se dirige o aprendizado da gramática é o aluno, falante nativo da língua portuguesa, isso significa que não ensinamos ninguém a falar aquilo que se já sabe: a própria língua. O que devemos fazer é dar condições de usá-la em todas as situações de interação comunicativa para que se possa ter segurança.

“Linguística para que ele (o aluno) não se sinta discriminado em nenhuma comunidade linguística em que esteja inserido. Isto significa dizer que ao final de um curso de língua materna, nossos alunos deveriam estar preparados à comunicação lingüística em todos os níveis, ou seja, estariam aptos a realizar o ato de acordo com o que exige a situação”.

Na vida prática do aluno, as estruturas compreendidas por meio da nomenclatura da língua não têm nenhuma fundamentação para seu cotidiano, pois saber terminologia da língua não importa, o que interessa é saber usá-la

corretamente nas mais distintas situações que envolve a comunicação . O que devemos fazer é mostrá-los que o que irão estudar na gramática são formas diferentes de se usar a língua que falam, porém de uma forma regulamentada, isso é, por meio de regras ditadas pela comunidade para uso da língua, e essas regras são extrínsecas, ou seja, não são naturais, mas são convenções de ordem social.

O uso da gramática tem que ser adequado, tem que sair da ordem de conceitos / práticas para práticas / conceitos, pois os programas de língua portuguesa, em sua maioria, estão muito distantes da realidade e voltados para os estudos da gramática normativa de maneira totalmente prescritiva, assim, para se ter um completo aprendizado da língua teria de passar, entre outras coisas, pelo completo domínio por parte do falante não só das regras intrínsecas (regras naturais), como também das regras extrínsecas da língua.

## **2.2 – Gramática: como ensiná-la**

O ensino da gramática nas aulas de língua portuguesa, sem dúvida tem representado um problema constante para professores da disciplina de língua portuguesa das escolas de ensino fundamental e médio deste país, que se sentem angustiados sobre o que fazer na aula.

Comumente vemos o ensino de língua portuguesa pautada numa concepção de língua como sistema, seguindo á prática de conhecimento das regras e normas de funcionamento do padrão culto, levando ao aluno textos com o objetivo de Reconhecer. Por conseqüência, ouvimos na sala de aula comentários dos alunos dizerem: “não gosta de estudar português”. Na verdade, esses alunos não gostam é do modo como lhes são passados o conteúdo da matéria português, quase sempre está voltada ao ensino com regras gramaticais, exercícios descontextualizados, com frases soltas e que estão nos livros didáticos que em sua grande maioria, apresentam realidades muito diferentes da realidade do aluno.

Essa mudança de atitude significa por muitas vezes preocupação, por perceber que os alunos passam pelos conteúdos, e no ano seguinte, esquecem todo conteúdo aos quais estudaram no ano seguinte.

Entendo que, com freqüência, o que fazem na sala de aulas de português afasta a língua da vida a que ela serve e se torna algo artificial e sem significado para o aluno. Ou ainda perceber que muitas vezes, para produzir efeitos de sentido desejados em determinada situação de interação comunicativa, é preciso saber usar os recurso da língua de uma forma que poderia ser considerada inaceitável por contrariar recomendações feitas pela gramática que ensina na escola e que muitas vezes provêm de uma visão reducionista e distorcida ou mesmo preconceituosa do que seja a gramática da língua.

O papel da escola é ensinar a língua padrão e defender e preservar a linguagem correta. Isso deve ser sabido por qualquer individuo, e para que ocorre o educador deve criar condições para que ele ( o papel ) seja apreendido.

Para o autor Marcos Bagno( 2001 ) “Gramática tradicional é um patrimônio cultural do Ocidente, que devemos estudar e conhecer, mas que devemos também critica, reconhecer seu caráter não científico, seus equívocos teóricos, suas concepções arcaicas de língua e de linguagem (baseadas por sua vez, em concepções arcaicas do homem, da sociedade, do mundo e do universo )...”

Significa dizer que o ensino da gramática é importante e que devemos ensinar sim a gramática normativa na escola, e que isso fique bem claro, agora a maneira como se ensina deve mudar, pois a forma como vem sendo desenvolvida acarreta sérios preconceitos que não é somente o lingüístico , mas o social e estes preconceitos quase sempre se desfazem da variação da língua, descrevendo-a , mas não como ela é, e sim como deveria ser.

“A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ele sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “ língua portuguesa “ está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades (...) a imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão de mídia sobre “ que se deve e o que não deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua”. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS LÍNGUA PORTUGUESA 5ª A 8ª SÉRIE, 1998, P. 29)

O fragmento citado confirma o poder que cada profissional tem ao trabalhar com a língua portuguesa e sua heterogeneidade, isso porque a variação da língua é natural e podemos encará-la como um fenômeno que ocorre numa língua viva, pois ela existe para que duas ou mais pessoas exercem a ação mutuamente da

comunicação, isso é, para que os indivíduos possam interagir uma vez que “a língua é um rio caudaloso, longo e largo que está em movimento e se renova incessantemente” ( MARCOS BAGNO, 1999 ) .

O que queremos é que fique claro que o usuário da língua precisa saber muito mais do que apenas as regras de construção de frases para ter uma competência comunicativa e que faz parte da gramática da língua, muito mais do que aquilo de que a teoria lingüística trata ao estudar os elementos da fonologia e fonética, da morfologia e da sintaxe.

O professor tem que incentivar o aluno ao prazer da leitura os estudos textuais e as produções de textos, pois é a partir delas que ele vai se sentir preparado para o exercício da língua e contribuir para o aprendizado de qualquer outra disciplina.

Não estou sugerindo que seja desviada a atenção do aluno para outras coisas, até porque leitura não é uma coisa qualquer, não é isso. O que estou a querer dizer é que o problema do nosso sistema de ensino não está no objeto do nosso trabalho, mas a forma como está sendo usado, visto que, ensinar a norma padrão não significa ensinar somente a gramática tradicional com base em conceitos que não são completos pois sabemos que para ser um bom usuário dos recursos da língua o aluno não precisa viver a decorar conceitos que na maioria das vezes não dizem nada, o que deve acontecer é o contato permanente desses alunos com textos falados e escritos de onde ele possa compreender tais recursos.

A proposta é também trabalhar a gramática numa perspectiva formal mais ampla, na dimensão do funcionamento textual- discursivo dos elementos da língua, uma vez que a língua funciona em textos que atuam em situações específicas de interação comunicativa e não em palavras e frases isoladas e abstraídas de qualquer situação ou contexto de comunicação.

Que as escolas brasileiras nas aulas de língua, não trabalhe suas regras naturais para fazer com que o aluno desenvolva sua capacidade de linguagem, e fazer com que ele conheça as diversas modalidades da língua formando um leitor e / ou escritor, assim ele poderá vir a desenvolver sua habilidade de leitura e expressão.

No momento que os alunos entenderem que as regras cultas são variáveis e que o emprego de uma forma pode ser normal numa modalidade lingüística, raro em outra e que pode nem existir em outra terceira modalidade, o seu rendimento escolar será eficiente.

É preciso ressaltar que todo professor da língua portuguesa saiba estabelecer as concepções de gramática para se evitar confusões em suas definições, são elas: gramática normativa, descritiva e gramática internalizada.

A primeira padroniza a linguagem esperando que todos os falantes utilizem a língua como é prescrita, desconhecendo a legitimidade de todas as demais variedades linguística, fazendo uma prática que ignora as múltiplas determinações: econômica, sociais, culturais e políticas, de que a escola e as variedades linguísticas são produtos. Em outras palavras, a gramática normativa leva os alunos a reconhecer que existe uma maneira de falar e escrever considerada legítima.

Diferente daquela que dominamos, mas não os leva a conhecer essa maneira de falar e escrever, isso é, a saber, produzi-la e consumi-la.

A segunda, procura apresentar a língua como ela é usada pelo falante. Essa gramática não prescreve regras que determinam o que é “certo” e o que é “errado”.

Essa gramática procura verificar as diferenças existente entre os diversos registros de uma língua e não faz julgamento dos discursos, mas tenta determinar a distribuição social e contextual de cada uma dessas manifestações lingüísticas.

A gramática internalizada, que é composta de elemento lingüísticos, tem a finalidade buscar a harmonia entre esses elementos lingüísticos, sociais e culturais, que se associam segundo a necessidade do falante.

Essa organizações proporciona ao professor uma concepção da língua com estrutura passiva de modificações através de elementos sociais e culturais criando algo que envolva um pouco de cada organização e selecionando os aspectos significativos para uma língua materna conhecessem a gramática de língua, no entanto, o que pretendo é desconsiderar o seu uso inadequado na escola, principalmente, (como já foi citado em alguns parágrafos anteriores) nas séries iniciais, em que o aluno não é tratado como usuário de língua, mas sim como um depósito de regras gramaticais.

O uso da gramática no ensino da língua portuguesa nas escolas, em geral, em gerando polêmica no decorre dos anos. Muitas vezes nos perguntamos: Devemos ou não utilizar gramática no ensino de língua portuguesa? Sabemos que a gramática é importante como estrutura que facilita uma escrita mais organizada, portanto devemos sim utilizar no ensino da língua portuguesa.

Segundo Bagno “A gramática deve conter uma boa quantidade de atividades de pesquisa, que possibilitem ao aluno a produção de seu próprio conhecimento lingüístico, como uma arma eficaz contra a reprodução irrefletida e acrítica da doutrina gramatical normativa” (BAGNO, 2000, P. 87 )

Porém, o que podemos observar hoje são professores de língua portuguesa sendo repetidores da doutrina gramatical normativa, que muitas vezes eles próprios não a dominam integralmente.

Para dominar a língua portuguesa são preciso anos de estudo, estudo esse que não se deve desvalorizar a língua natural, transformando em arquivo morto, e preciso que tanto a linguagem sejam respeitada na sua natural, quanto a criada para organizar a escrita e a boa palavra, o que não podem e modificar o que já existe . Nosso país por sua extensão, diverge seu linguajar de acordo com a região, estado, etc. Podemos citar as formas de expressões de língua portuguesa usada na periferia, na favelas, em grupos de jovens, e até entre os políticos, quantas palavras “novas”. É preciso que, os professores desperte cedo no educando, o gosto pela leitura, o hábito de ler vai facilitar muito o ensino da gramática. As regras gramáticas são necessárias e indispensáveis. Esse trabalho não deve ser atribuído somente aos professores de língua portuguesa deverá preocupar com a escrita correta, todos os mestres, de todas as disciplinas deverão fazer com que seus alunos se preocupem com a fala e a escrita.

Com o conhecimento da gramática os alunos terão maior estrutura e segurança, para expressarem-se nas mais diversas situações de comunicação em seu meio social

## 2 **Aspecto ideológico**

Como se sabe, o termo ideologia vem sendo constantemente alterado no seu significado no decorrer da história.

Segundo Marilena Chauí ( 1980 : p.22 ), o termo aparece pela primeira vez em 1801 no livro de Destutt de Tracy, *elements d' Ideologie*. Ele pretendia elaborar uma ciência da gênese das ideias, tratando-se como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente. Segundo a mesma autora, Napoleão foi o primeiro a atribuir ao termo um sentido pejorativo em uma de suas declarações: “todas as desgraças que afligem nossa bela França devem ser atribuídas á ideologia, essa tenebrosa metafísica...”

Marx ao analisar a luta dos trabalhadores e a classe dos proprietários verificou que esta não se dava apenas ao confronto físico, mas também no confronto de aspirações, de princípios, de visão de mundo. Ideologia, portanto para Marx, era esse conjunto de idéias que cada classe possuía”.

Atualmente, pode-se dizer que este termo evoluiu e é muito mais abrangente do que os significados a ele conferidos.

Atualmente, baseada em Ciro Marcondes Filho (1985) pode-se dizer que ideologia “é o conjunto de valores, normas, conhecimentos, temas, filosofia e crenças religiosas, princípios étnicos e visão de mundo”. CIRO MARCONDES (1985,p.28) , acrescenta alguns elementos a definição do termo: Ele diz que esses elementos devem possuir uma lógica uma certa coerência interna que orienta o sujeito para determinadas ações de uma forma partidária e responsável.

O que me chamou atenção, foi o termo “partidário” que leva-nos a concluir com Marloshinov que todo individuo é ideológico, tendo-se em vista, que transmite e defende seus princípios, sua visão de mundo, portanto, sua ideologia.

Cabe-nos agora lembrar a observação feita pelo professor José Ubiratan do Rosário quando refere á definição do termo ideologia: tendo-se em vista que não existe um individuo ideologicamente neutro, as definições acima são suscetíveis de serem simples manifestações individuais de visão de mundo.

Penso que a escola é um lugar privilegiado na formação ideológica do individuo. É nela que estão as pessoas que ocuparão ou já ocupam os lugares nas empresas, nos escritórios e também nas fábricas. Devido essa sua importância, ela

não poderia ficar livre das mãos da elite dominante. Esta se preocupa com a qualidade dos cidadãos que lhe interessam.

Vivemos numa realidade política, econômica e social dependente do grande capital nacional e principalmente internacional, realidade esta voltada para o lucro desses indivíduos, que para tanto, não poupam o sofrimento o sofrimento, a fome, a exploração e até a morte de populações inteiras.

O povo com o salário que lhe dê acesso á alimentação, á saúde, ao lazer, é um povo que consome isso acontecendo, os produtos não encherão os armazéns das grandes nações que os recebem, e depois recebem ainda o dinheiro de volta, em nome de uma famigerada dívida externa.

Somos uma nação cega e muda que agora recomeça a se organizar lentamente. Penso, contudo, que a educação tem um papel relevante na alienação do povo.

É na escola que alunos aprendem a ser individualista e competitivo, quando só unido e organizado ele tem realmente força. É lá que ele aprende que só doutor tem valor e merece ser tratado como gente, como ser humano.

O livro “linguagem e escola, uma perspectiva social” de Magda Soares (1986), os princípios ideológicos dentro da escola. Todos sabem que as sociedades dividem-se em classes, cada uma com seus princípios, sua cultura, sua linguagem, suas aspirações. Sabe-se também que em nosso país a educação está voltada para uma elite, para que as outras classes adquiram através dela os princípios, padrões de comportamento, a cultura e, de maneira especial, a linguagem da classe dominante. Tem sucesso, é educação aquele que melhor se adapte a essas condições.

Há no Brasil a escola particular e a pública, como se sabe é na escola pública que está o filho de funcionários considerado classe baixa.

Seria, portanto, coerente que se fizesse uma educação voltada para os interesses e de acordo com as condições dessa classe, mas não é assim. A educação brasileira, em decorrência desses fatos, é um fracasso. Tendo-se em vista que ela é bem organizada, bem preparada, procurou-se justificar esse fracasso das seguintes formas:

A ideologia do dom. A escola baseia-se no princípio de que todos têm os mesmos pontos de partida o sucesso ou fracasso depende de cada um. A psicologia vem legitimando este princípio absurdo através dos testes.

Mas é bom ressaltar que, talvez por castigo de Deus, a classe pobre não tem QI. Alto e é aquela que fracassa na escola. Para concluir, a causa é que a escola não oferece as mesmas oportunidades a todos ou é a sociedade que não oferece as mesmas condições a todos ?

Desta ideologia decorre a seleção de dotados e fracos, indicando aos primeiros a continuação dos estudos, fazer curso superior, ser doutor. O sucesso deste óbvio, para eles ela está preparada.

Aos fracos, é bom que se acomodem com um bom curso técnico oferecido nas escolas públicas e passam logo a fazer parte do grande contingente de mão – de – obra brasileira.

A escola tem, assim, a função de adaptar os alunos á sociedade tal qual ela é. Este princípio, o dom, foi abalado com a constatação de que esta diferença se dá não entre indivíduos, mas entre grupos de indivíduos, entre a elite e as classes economicamente menos favorecidas, sendo que o fracasso ocorre entre as camadas populares.

Tendo sido destacada essa primeira ideologia busca-se outra explicação ideológica ao fracasso na escola: “a ideologia da deficiência cultural”. Segundo a qual, as classes dominadas teriam uma “pobreza cultural” devido a sua realidade socioeconômica.

Este princípio é refutado com alegação de que não existe classificação de cultura, não há classes culturais, cada grupo possui a cultura, sem a qual o próprio grupo não existiria. Na realidade, o fracasso escolar tem origem na diferença socioeconômica de classes exploradas e economicamente desfavorecidas. A escola transforma “diferença em deficiência”.

### **3.1 - O papel da linguagem**

Poderíamos agora nos perguntar: o que é que a linguagem tem a ver com tudo isso? É simples. Estes princípios ideológicos baseiam-se em observações linguísticas. A língua é o instrumento de manifestação desses grupos, é através dela que as diferenças passam a ser consideradas como deficiências em decorrência da imposição da linguagem das elites ás demais classes sociais.

A escola desconhece, ou ao menos, tenta desconhecer, as diferenças citadas acima, levando, assim, o aluno a concluir que se ele fracassou, a culpa é dele que não soube aproveitar as oportunidades oferecidas.

Tentou-se explicar o fracasso escolar como uma deficiência lingüística, sob a alegação de que as crianças das camadas populares têm uma linguagem deficiente, que resultaria em dificuldade de aprendizagem, relacionando-a à capacidade intelectual da criança.

Essa deficiência lingüística decorreria da pobreza do contexto lingüístico em que vive a criança, com o que Bernstein (citado por soares) não concorda, argumentando que a escola “quer transmitir significados universalistas, usa e exige

que seja usado o código elaborado, o das elites, enquanto que as classes pobres usam o restrito”, o que para ele não podem ser classificadas como superior ou inferior, são apenas diferentes e igualmente eficientes em seu contexto.

São inúmeros os argumentos usados na tentativa de explicar o fracasso da escola. Todos, é claro, não tocam na verdadeira causa, não mostram que tudo é resultado da má estruturação sócio-político e econômico da sociedade, que privilegia as elites e marginaliza as classes empobrecidas.

Tentam mostrar que a escola é alheia a tudo isso e negam que ela tem como a função manter e perpetuar a estrutura social afastando dela qualquer ameaça, mantendo a estabilidade do sistema e exercendo, assim, “um poder de violência simbólica, isto é impor às classes dominadas os padrões, a cultura e a linguagem das elites como legítimas”.

Dois pontos foram fundamentais para essa abordagem, até agora.

O primeiro, consiste em ver as escolas como parte de um conjunto de relações de outras instituições – políticas, econômica e cultural , basicamente desiguais. As escolas existem por meio de sua relações com outras instituições de maior poder, instituições que combinadas de maneira a gerar desigualdades estruturais de poder e acesso a recursos. Em segundo lugar, essas desigualdades são reforçadas e produzidas pelas escolas que não fazem sozinhas, por meio de atividades curriculares, pedagogicamente e avaliativas no dia –a –dia da sala de aula. Essas duas preocupações fundamentais esta relacionada ao poder econômico, que estabelece limites para ajudar alguns um grupo e servir como barreira a outros.

### **3.2 - A função social do livro didático**

A juventude sempre foi a maior questionadora da sociedade. A classe estudantil sempre foi “agitadora, contestadora e subversiva”. No meu ponto de vista, as novas gerações de estudantes perderam bastante dessas características para assumir uma outra: “alienada”( não se interessa) . Isso, como resultado de uma forte campanha nacional, bem organizada, com objetivo bem claro. Hoje o aluno em quase sua totalidade é surdo, é muda, é cega, nada entende, nada tem para dizer, nada pensa não se posiciona em relação a nada. Existem grupos que são diferentes, mas é a minoria.

Esta campanha foi um sucesso, foram inúmeras as leis que reformularam a educação brasileira. O desempenho do livro didático foi algo decisivo dentro deste

quadro. Ele mesmo passou a ser o professor. O aluno passou a ser o receptáculo de regras, de definições, de conceitos, que posteriormente deveriam ser reescritos no limitado espaço em branco.

Para que mais espaço se o conhecimento é pronto e acabado distante da experiência de vida do estudante. Daí a distancia entre texto e realidade do estudante. O senso crítico, a análise é algo desnecessário.

Há história repassa nas escolas mostra que o ponto brasileiro sempre foi avesso a conflitos, a violência, e nunca tivemos lutas de classes. Sempre fomos um povo cordial. Por isso, nossas revoluções teriam sido sem sangue, pacíficas fruto do consenso. Isso também graças às grandes heróis nacionais, que sempre conduziram a nossa história pacificamente. Os fatos são isolados e não permitem ao aluno a compreensão de que este é um processo contínuo do qual, agora, ele faz parte é um elemento ativo e também deve construir esta história.

É importante saber que, as barreiras, só se resolvem de uma forma democrática, e sem maquiagem, e a única razão, é estimular o debate sobre que conhecimento é importante em todos os níveis, das escolas locais às cidades, aos estados, às regiões. A única razão para que falemos sobre isso é estimular toda a rede educacional ( professores, gestores, alunos , etc ) ao debate com propósito único de promover mudanças ideologicamente progressista ao ensino educacional.

Retirando esse conceito de que o sistema unificado seja “classificar” e “selecionar”, não foi só para isso que ela foi construídas, mas que está bem viva.

O que se quer dizer que em um mundo ideal, a boa educação tem que ser prioridade, nesse país, uma educação que se voltasse ao coração, à cabeça e às mãos de todas as pessoas. Não teríamos rastreamentos do desempenho dos alunos, ou peneiramentos, não teríamos um currículo diferencial dizendo que determinados tipos de alunos irão para o treinamento vocacional e outro para lugar diferente. Tudo isso , fruto de uma educação ,que ao meu ver, deveria estar mais aberta às diversidades , como preparadas a essa realidade,.

O sistema passa por momentos de total modificação, não muito satisfatória as escolas que enfrentam vários problemas no sistema que acabam sendo os principais culpados. Temos hoje muitas salas de aula com superlotação, cada vez maiores, orçamentos decrescentes, maiores problemas sociais nas escolas e a intensificação do trabalho do professor.

Todos esses problema acabam, gerando desqualificação, em massa levando os mais interessado (a elite) a ser mais favorecida , do que as que enfrentam um ensino mal qualificado.

Não quero que pense que o ensino, só transmite coisas negativas não visto que a ela também transmite coisas boas, o que queremos é que a educação busque novas maneiras de transformação, beneficiando a todas, e não somente aquela que lhe é mais satisfatória.

Quando se fala em educação de qualidade, se fala no geral, e não uma terça parte. Infelizmente, percebe-se que a linguagem tem um poder muito forte, isso significa e continuará a significar o mesmo no futuro. Receio que teremos administrações municipais e estaduais e nacionais que, para ganhas os votos daqueles que estão gerando o que poderíamos chamar de “descaso”, cada vez mais vão desprezar a má situação em que se encontra quem está de fato na base do processo.

#### **4 - Um trabalho de campo**

Para ilustrar melhor este estudo, e por atuar como professor realizei uma pesquisa de campo na escola estadual São Francisco de Assis de Tailândia. Com os alunos do ensino médio do 1º e 2º ano de ensino.

O trabalho está estruturado em três capítulos, conforme foi sendo anotado o desenvolvimento da pesquisa. Nessa pesquisa nos interessa estudar de que forma a língua escrita está se realizando nos textos de alunos do ensino médio e identificar a interferência da língua falada para a construção desses mesmos texto. A proposta realizada foi uma observação, de como é trabalhado a matéria de português com os alunos de ensino médio , se a metodologia são variadas com textos oral e escrito, e produções de texto, para garantir o ensino mais eficaz, a principio percebi que as atividades proposto em sala de aula estava mais relacionado ao ensino de literatura, sem muito estímulo, pois percebe-se que a maioria não apresentava nenhum interesse na aula de literatura. foi feito uma roda de conversa para saber o que eles gostam de estudar e qual a disciplina que eles não gostam, em primeiro lugar, a disciplina de língua portuguesa ganhou, e em segundo química, pude perceber que muitos alunos ainda considera as aulas de português, chata e confusa .

Ao iniciar o trabalho, informamos à fonte que se tratava de um trabalho de pesquisa. No primeiro capítulo – “A oralidade e a escrita” Pedimos aos educadores querecolhessem textos dissertativos com um tema que melhor se adequasse a

realidade dos alunos para assim, obter melhor resultado da pesquisa. No segundo capítulo- “ Descrição e análise do corpus da pesquisa” realizamos –se considerações gerais sobre o trabalho, com ênfase à caracterização do material coletado, a produção da escrita, Nessa redação com o tema “ violência”, percebe-se que os alunos não tiveram nenhuma dificuldade em produzir o texto.

Na produção do texto o que se percebeu que alunos do 1º ano, é 2º ano, apresentaram dificuldades na ortografia, grafia incorreta de palavras bastante problemas de coesão, concordância verbal, e muito marcador conversacional entre outros

Essa redação foi dissertado por três turmas de cinquenta alunos com idade entre dezesseis anos aos dezoito anos de idades. Todas essas turmas eram formadas por alunos dos sexos masculinos e feminino, respectivamente.

No terceiro capítulo – “ resultado da pesquisa” – nota-se as ocorrências de erros, suas causas são analisadas, remetendo o leitor ao textos produzidos pelo alunos através de exemplos referenciais. Nesse capítulo faz-se um levantamento dessas interferências orais sobre a produção do texto escrito.

Como é bastante comum encontrarmos problemas nas redações, em alunos ensino médio, ao analisarmos esse problema percebeu que os alunos não estão sendo preparados para produção de textos, nesse sentido os erros encontrados na redação dos alunos pode prejudicar na conclusão do seu ensino médio, pois o aluno não alcançara o resultado esperado numa disputa de vestibular.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tenho certeza de que a questão da relação entre linguagem gramática e o aspecto ideologia é algo muito profundo e talvez inesgotável. penso que este trabalho abordou a questão mostrando o que me propus no início: a relação entre linguagem gramática no aspecto ideologia como instrumento de dominação do povo social e economicamente desfavorecida por uma minoria a que chamamos de elite.

Tendo em vista as propostas de mudanças no ensino da língua portuguesa, vimos que antes se dava exagerada ênfase às regras gramaticais, através de um processo essencialmente voltado à sistematização. Hoje, com as constantes mudanças vemos que existem várias formas de representação de nosso idioma com apoio para o estudo da gramática como: textos de livros, jornais, música, e etc.

A preocupação de se ensinar somente regras gramaticais, dizer que aos alunos que o verbo DAR é um verbo bitransitivo (verbo transitivo direto e indireto) já não são totalmente significativas na prática e com o rolar das águas percebi que as regras não podem ser estabelecidas como verdade absoluta. As regras são relativamente invariáveis e que ao ensinar algum conteúdo é importante que se estabeleça uma relação, um enunciado e uma enunciação.

É importante que se relacione a gramática (passiva) com o uso da língua materna (ativa) para que aquela possa ter sentido no ensino da língua, pois ao contrário do que muitos pensam, aprender a própria língua não é tarefa difícil, porque todo ser humano nasce preparado para adquirir a linguagem.

É que os educadores trabalhem com transparência para compreensão da relação entre fala- coloquial e escrita- padrão, uma vez que ambos são importantes na vida prática e teórica do aluno no ponto de vista comunicativo e até mesmo profissional, ambas são aceitas, porém devem ser adequadas a cada situação.

O educador deve afastar-se de atividades aleatórias, nas quais sugestões de assuntos e temas são propostos de forma descontínua e sem planejamento das etapas a serem desenvolvidas, e preciso que o educador desenvolva atividades que os alunos possam participar trazendo para a sala de aula seu mundo, conceitos e história, pois os problemas que ocorrer na produção de textos em sala de aula, estão assentados em passos muito bem definidos pelo professor. É o momento do relato de experiências de vida, individuais e grupais. Assim o professor anotaria mostraria aos alunos as interferências da oralidade na produção escrita dos textos. Instauraria um processo, concomitante, de valorização das modalidades de linguagem oral e escrita. Os alunos discutiriam essas interferências da oralidade, e, conhecedores das ocorrências mais comuns, seriam capazes de solucionar tais problemas. Atividades de ensino .

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **Português ou brasileiro: um convite à pesquisa.** São Paulo: Parábola, 2001.

CAMARA JR, J. Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita.** 13ª ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1995.

CAMPOS, Ápio. **O verbo e o Texto.**

DE SOUZA CHAUI, Marilena. **O que é Ideologia.** São Paulo, Editora brasiliense, 13ª Edição, 1980.

FLUSSE, Vilen. **Lingua e Realidade.** São Paulo, Editora Herder, 1963.

GENOUVRIER, Emile; PEYTARD, Jean. **Linguística e ensino de português.** Coimbra: Almeida, 1985.


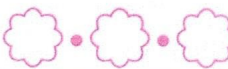
HIDELBRANDO DECANAL, Jose. **Linguagem Poder e Ensino da Língua.** Porto Alegre, Editora Mercado Aberto, 1985.

HONORIO DE COUTO, Hildo. **O que é português brasileiro.** São Paulo, Editora brasiliense, 1ª Edição, 1986.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O que todo Cidadão Precisa Saber Sobre Ideologia.** São Paulo, Global Editora, 3ª Edição, 1985.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas: ALB: Mercado de Letras, 1996

APÊNDICE



  
 Escola: E. E. E. M. São Francisco de Assis  
 Aluna(a): Jackeline Almeida de Oliveira  
 Série: 1º ano "B" tarde

Violência

Normalmente quando falamos em violência, logo imaginamos, mentes, brigas, armas, enfim tudo que realmente não é bom; vamos tirar como exemplo a cidade de Tailândia. De fato, ela tem um índice de violência muito grande, tanto nas escolas, como nas casas, e até mesmo nos hospitais.

registro ideológico  
marcador transgressivo

falta de pontuação sintática

Citando então a violência nas escolas, ocorre o seguinte fato: alunos que brigam entre si, algumas vezes até levam objetos cortantes para a escola, até simples canetas e lápis se transformam em armas. Também nesse caso é bem frequente a violência verbal, tanto com alunos quanto com professores que se irritam com seus alunos.

edição  
escrita (caso)

caso

Quando se trata da questão violência nas escolas, vamos falar um pouco da violência nas festas. Pelo fato de que <sup>nas</sup> festas vendem muitas bebidas e fácil imaginar que também ocorrem muitas brigas <sup>(certo?)</sup> bem apesar que <sup>ocorre</sup> ocorre realmente está havendo mais policiamento nos principais locais de festas da cidade, mesmo assim ainda ocorre vários casos de violências, que por muitas vezes geram até mesmo a morte dos indivíduos envolvidos.

marcador transgressivo

casos

Concluindo, Tailândia não é mais aquela cidade completamente cheia de violência, <sup>(mas)</sup> ainda ocorre muitos casos, e que se houver mais policiais rondando as ruas, e se houver pessoas que vão nas escolas para apresentar este tema, dar conselhos talvez a cidade melhore cada vez mais nesta questão.



E.E.E.M. São Francisco de Jesus  
 Pluma: Kelle Brenna Santos das Chagas  
 Série: 2ª C tarde Data: 30/10/14

### Violência

Quando nós assistimos no jornal, vemos que o mundo está cheio de violência e que as pessoas suplicando por paz.

Vemos pais matando filhos ou até filhos matando pais, vemos pessoas difamando a outra, ferindo-as.

Bem, existem vários tipos de violência como a violência física, violência moral e violência natural.

A violência física é quando uma pessoa põe a outra em um lugar e a espanca.

A violência moral é quando uma pessoa põe a outra para baixo dizendo que não é capaz por ser negro ou por ser de classe social baixa.

A violência natural, ou seja, violência contra natureza, é quando as pessoas poluem os rios ou a própria cidade.

Vamos acabar com a violência, pois, violência só gera violência.

marcada  
construção

registros  
relatório

colôro

Paralelismo  
caso

caso

coerência

APÊNDICE

Além dos problemas relativos à cópia ortográfica, foram verificadas, problemas de cópias (linhas 2, 4, 5, 7) de uso de registro informal (linha 7)

marcador conversacional registro informal

Data: / /

Escola E.E.M. São Francisco de Assis  
 Aluno (a): Deivison de Almeida Santos  
 Serie: 1º ano "B" tarde  
 Data: 30.01.2014

Violência.

A violência (1) de um modo geral, está (2) sendo um problema alarmante em meio (3) na sociedade, principalmente no meio dos (4) adolescentes, ~~mas~~ para cada dia que se passa, (5) estas mesmas, estão ~~mais~~ (6) agressivos, em parte (7) porque, ~~em~~ no Brasil, ~~por~~ eles, (8) ~~serem~~ considerados "diminuídos", ou seja, incapazes, (9) não são (10) de serem responsabilizados pelos seus atos inconseqüentes e não são punidos de maneira alguma.

Então de (esta) forma "neste indivíduo das escolas" estão amparados por lei, e por sabermos disto fazem o que bem entendem e é por isto que fica uma dúvida no ar "porque que (é) um adolescente de 16 anos de idade, pode decidir (a) liderança do nosso país, através do voto, e não pode ser penalizado (por) crimes, que esta classe comete com muita frequência, como por exemplo: assaltos, roubos, seqüestros, etc. e (ainda) ~~pin~~? como fica!

não são

concordância (casos)

registro informal

marcador conversacional



E.E.E. J. São Francisco de Assis

10/11/14  
Noite  
J. A. Souza

Concluímos que poderemos lutar contra a violência, desde que cada um tenha ciência de executar o seu papel de cidadão honesto e generoso, fazendo da nossa cidade um lugar melhor para viver.

o policiamento e bem presente. A violência existe sim, mas, não assola o nosso município como antes, pois a taxa de desemprego é menor e foram, isso nos pertence mais, a realidade é outra.

A ser a cidade mais violenta do Brasil e de estado. praticamente todas as pessoas. Nesta época, Talândia chegou a por delas foi uma espécie de greve, manifestos, que mobilizou a cidade onde mereço, presenciei muitas dessas cenas, e

risco quanto ao psicológico. dor e sofrimento a quem recebe e deixa marcas tanto no ato que choca as pessoas de forma ruim, que de fato causa já em questão pessoal, creio que a violência seja qualquer

boa parte do mundo. que onde menos esperamos e é um problema gravíssimo em ato que perturba a paz humana e prejudica a saúde. Está muito Definindo de forma geral, a violência nada mais é do que em

onde se desanuncia? que é essa tal de violência que muitos dizem? Como e

Violência  
No meio  
Onde vivemos  
Talândia, 30 de  
Janeiro de 2014

